

## **Retrospectiva**

*David Gonçalves Mota*

### **INTRODUÇÃO**

*A reflexão sobre temas relacionados com a arte fizeram-me vaguear por vários ícones até que cheguei a Daniel Lee e Paul Kaiser. Dei o nome de "retrospectiva" ao projecto, uma vez que faço uma breve divulgação das temáticas dos autores e depois passo para a reflexão de temas antigos para mim, que me fizeram voltar anos no tempo.*

*Neste Seminário pretendo elaborar um site que demonstre de alguma forma o génio criativo de dois artistas: Daniel Lee e Paul Kaiser. Estes defendem ideias que vou reflectir e dar a minha opinião acerca. No entanto vou recorrer mais a Daniel Lee, uma vez que me baseio neste para recriar a minha própria "origin". No final do site elaboro um vídeo que conjuga todas as reflexões que tenho vindo a fazer acerca de minha origem e do que herdei da minha família.*

### **ARTE :**

#### **Como definir ?**

Um monstro intelectual que nos oprime ou uma fonte alternativa para beber a realidade?

E por falar em realidade; como definir também esta palavra? Será a realidade arte ou será a arte e realidade de alguns?

Encontramos em instituições pessoas apelidadas de loucas... será a loucura uma outra forma de ver a realidade ? Se assim é então qual é diferença entre a loucura e arte ? Se já existiam formas de demonstrar que a arte pode copiar o real, porque não substituí-lo ? Filmes mediáticos como o Matrix (1999) ou até mesmo o Existenz (1999) falam desta problemática.

O Ser real VS o Ser Feliz; será que a realidade pode ser mais dolorosa que a loucura? Em muitos casos acredito que sim. Senão vejamos o que acontece a pessoas presenciam uma tragédia e a partir desse momento criam realidades paralelas e acabam por assim viver o resto da vida.

O fosso entre a arte e a realidade esbate-se cada vez mais, por isso aparecem novas correntes que nos transportam para uma mescla. Vejamos o caso de Daniel Lee. Será louco ? Quem transforma uma imagem de um ser humano com cabeça de dragão, poderá ser louco ? Não. Apenas porque consegue explicar porquê.

No caso deste, encontra na arte digital formas de desvendar o mais íntimo dos seus sentimentos. O assunto associado a esta forma de arte passa pela banalização do ser humano, limitando-o à sua forma animal. Encontra também formas de nos mostrar que como animal que é tem tendências irracionais como o medo, o sono, a raiva que através dos tempos aprendeu a camuflar, mas que estão presentes no nosso dia-a-dia.

Na arte de Daniel Lee vejo uma sátira à sociedade que se encanta com todo o tipo de banalidades pseudo-intelectuais quando o que fala é apenas o ser irracional. A integração dos signos do zodíaco chinês revelam-nos que já a sabedoria popular atribuía aos seres humanos traços da "personalidade animal". A força física é atribuída ao leão, a velocidade à chita, a camuflagem ao camaleão, a lealdade ao cão, a falsidade à cobra. As incríveis imagens de Daniel Lee derivam da filtragem de mitologias Budistas em que espíritos de animais transformam o comportamento e nomenclatura física do ser humano. O zodíaco chinês está representado por modelos que realmente nasceram no ano do animal que representam. Para além do choque imediato de horror e pasmo existe também o sentimento de aproximação com o animal que é representado; uma vez que este apresenta forma humana.

### **Origin**

A origem é uma série recente de imagens manipuladas de 3 fotos que descreve a evolução humana baseada na imaginação de Daniel Lee. Este sugere que haviam dez estágios na evolução humana, dos peixes deu forma (como o Coelacanth) eventualmente à transformação aos répteis, aos macacos e finalmente aos seres humanos.

A sua motivação residia na aproximação do novo milénio. O novo milénio (ano de 2000) sugere-lhe o começo de tudo. O seu conceito começou após o tempo que passou em Nova York; num apartamento onde teve a oportunidade de criar um auto-retrato para uma edição especial de uma revista de tecnologia em 1997. Fez uma sequência de quatro retratos que mostram o nosso passado como macacos e o nosso futuro em perspectiva. Para mais, afirma que todos os mamíferos, répteis e peixes nos estão relacionados desde o início. Os retratos do chinês Daniel Lee, são uma expressão científica imaginativa e, como confessa, retirando algumas ideias da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin.

Quando paramos para pensar naquilo que temos como animal, encontramos sempre forma de nos esquivar-mos a esse pensamento. Porquê? Porque é um pensamento redutor. Desde miúdos que nos ensinaram a fazer o oposto. Tomar banho várias vezes por dia, o uso de essências perfumadas que escondem os nossos odores socialmente menos correctos. O ideal de “espécimen” humano modificou-se e à custa dessas exigências da sociedade, põe em perigo a própria forma física. A melhor maneira de exemplificar é centrarmo-nos nas tribos de florestas quase virgens. O seu ideal de beleza feminina são as mulheres obesas, por uma razão que, no mínimo, acho lógica: uma mulher “rechochudinha” tem mais hipóteses de dar à luz um filho saudável. A continuação da espécie é intrínseca ao próprio ideal de beleza dessas tribos. Como a sociedade “evoluiu”, definimos a própria beleza como anti-física ou até insana; ainda à poucos anos houve a moda do look “junkie” (drogado).

A arte digital convida-nos a reflectir sobre o que é arte e o que não é, já Duchamps banalizava tanto a arte que utilizava objectos do quotidiano rubricados como arte. Trazia o banal para dentro da arte; mas se assim é, como dar crédito à definição da arte como meio de ver a realidade de forma alternativa? Voltamos à mesma questão: o real vs arte.

Partilho da ideia de Schelling no ponto em que “A questão da realidade não deve permanecer na oposição entre a natureza e a inteligência, mas na identidade do absoluto. Essa identidade absoluta encontra-se radicada na origem comum da natureza e da inteligência: a razão.”

O Homem busca essa identidade mas acaba sempre por fracassar. Não há descrição que iguale, em dificuldade à descrição de si mesmo. É porque estamos presentes em nós mesmos e somos retalhos de um contexto tão informe e diverso, que cada pedaço e cada momento faz o seu papel. Há tanta diferença dentro de nós mesmos quanto, entre

nós e os outros. Quer o homem se julgue assim, quer de outra maneira, é ele mesmo um ser multiforme, não um só mas, mas muitos de cada vez, sem jamais se poder compreender.

### O que é o Ghostcaching ?

É um processo de dança virtual por Paul Kaiser e Bill T Jones.

Gostcaching encontra o seu lugar na arte pela intersecção de dança, desenho, e composição infográfica. O trabalho tornou-se possível devido aos avanços na tecnologia de captação de movimento, uma tecnologia que grava a posição de sensores colocados em pontos estratégicos do corpo em movimento. Os resultantes ficheiros de dados reflectem a posição e a rotação do corpo em movimento, sem mostrar a massa ou musculatura do artista.

As fases capturadas tornam-se os blocos para a construção da composição virtual. Como dados, as fases podem ser editadas, re-coreografadas e colocadas num palco virtual para uma performance num espaço tridimensional. Aqui, o corpo do artista Bill T. Jones é multiplicado por muitos artistas que actuam como pinturas tridimensionais. O seus corpos são um emaranhado de linhas que foram 100% desenhadas em computador.

Paul Kaiser e Bill T. Jones avançam com uma coreografia deslumbrante em que o ser é transportado para dentro do digital e aí se transforma para ser cada vez menos uma forma mas sim uma dinâmica, um conjunto de movimentos do efémero (corpo) em que apenas se vê a dinâmica do movimento. Ficam desenhados num espaço tridimensional como se escrevesse numa ardósia.

Interpreto este cenário como aquilo que deixamos neste mundo, rabiscos daquilo que fizemos em várias dimensões de espaço e tempo.

É a vida de cada um de nós que se “rabisca” a cada gesto que fazemos; é a tal “Linguagem Silenciosa”. Os emaranhados de riscos lembram-me a própria complexidade da vida e até quando estas linhas se esbatem e se cruzam me trazem reminiscências. Desenhar é a arte mais antiga do mundo, as pinturas rupestres sempre nos mostraram como o tempo é inalterado naqueles riscos. Curiosamente ou não Paul Kaiser trouxe um pouco da arte rupestre para a sua obra. Os riscos feitos no vazio fazem lembrar os de giz numa ardósia preta; era pois com materiais similares que os chamados primitivos nos mostravam o seu quotidiano.

A vida de quem se pensa importante encontra alguns aspectos semelhantes aos daqueles que se limitavam a escrever, há milhares de anos, com o que quer que fosse contra uma pedra.

A fluidez que a tecnologia dá aos movimentos, lembra-nos que mesmo querendo mostrar um mundo de magia e de inexistência do Eu, ele permanecerá sempre não como algo físico mas como a essência do próprio movimento. A intervenção de vários personagens nas coreografias de Paul Kaiser e Bill T. Jones realçam o carácter afectivo das relações interpessoais. Mais interessante ainda é podermos ver nos traços escritos no vazio um movimento passado que, tal como na nossa própria mente, se mantém por algum tempo e depois se vai esbatendo para desaparecer dando espaço para novos movimentos. É assim a Vida. Traços deixados que se vão esbatendo para dar lugar a outros traços. É um movimento contínuo que vejo como uma passagem de testemunho de uma geração para outra.

### **A questão do ovo estrelado**

Já uma escritora, que muito prezo, dizia nas "Crônicas da Vaca Fria" da revista "Pública" que as pessoas deviam olhar melhor para os ovos estrelados. É a forma como olhamos a vida que nos identifica. Podemos ser loucos se damos muita importância a um ovo estrelado, mas é certo que a beleza de tudo advém da nossa capacidade de Ver. A sensibilidade ou, como muitos dizem, a paciência de olhar para os pequenos pormenores da vida preenche-nos mais que os feitos "heróicos" dos que têm uma Saga para cumprir.

Quando vou a minha casa encontro uma aldeia quase apática, calma que gosto cada vez mais. Quantas vezes passei por lá e não ouvia o som da água a correr no riacho que passa a 100 metros? Tal como agora consigo ouvir o riacho, também consigo ver que vida é um ciclo demasiadamente rápido, demasiadamente uniforme. O que fica são as experiências que passamos para os outros, sejam eles familiares ou não.

### **Vídeo Retrospectiva**

Gosto da abordagem de Daniel Lee, no entanto, não é esta em que me inscrevo. Considero o vídeo que elaborei como uma cadinho de ideias dos dois autores que abordei, acrescentando singelamente aquilo que acredito ser a minha origem.

Gosto de pensar que o Homem, muito para além de ser um ser irracional com a capacidade de pensar, é um ser pensante com reminiscências irracionais. O poder de pensar que nos caracteriza é verdadeiramente a Origem do ser Humano. No trabalho de vídeo que exponho, considero as relações e experiências interpessoais como a verdadeira origem do ser humano. Dou-lhe também uma abordagem familiar por ser nesta que encontramos mais facilmente os traços físicos e psicológicos herdados de geração em geração. Todos os personagens têm uma relação de parentesco próxima indo beber aos conhecimentos de cada qual; por essa razão todos são um e um são todos.

A metamorfose de senhora idosa para uma adolescente significa a passagem de conhecimento de avós para netos embora muitas vezes o mais novos não o admitam (daí a primeira adolescente dizer "[eu sou]a camuflagem do que fui"). O senhor de meia idade "recorda as imagens"; aquelas imagens que tem das estórias dos seus pais. "Renasço a cada vez que sorrio"; todos nós nos identificamos com o sorriso de um familiar, por este se parecer muito com o de alguém que provavelmente não se encontra neste mundo, mas que por momentos parece renascer por meio de um sorriso.

Finalmente "encontre-me no início"; dito pelo patriarca da família significa o fim de um ciclo que está já a recomençar precisamente pela continuidade da geração, representado pelo símbolo da fertilidade que é a mulher.

### **CONCLUSÃO**

Para finalizar gostaria de observar que este Seminário foi mais do que a elaboração de uma página de Internet com um vídeo à mistura.

Foi um correr pela minha mente à procura de respostas que, pela falta, me intrigam há muito tempo. Descobri que a arte digital pode transmitir uma imagem poderosa, quase real, daquilo que temos em mente. Considero também que Daniel Lee é um mestre na arte de demonstrar uma ideia, mesmo que muitos não concordem com ela. Eu não discordo totalmente, mas estou demasiadamente imerso no mundo social para acreditar que a quase totalidade dos nossos impulsos são herdados de animais. Prefiro pensar que herdamos dos nossos familiares os genes e a educação que nos é dada. No entanto, ainda não consegui descobrir a resposta para o triângulo: "Arte vs Realidade, Realidade vs

Loucura, Loucura vs Arte” e “Qual o valor da arte, se a arte é fruto de uma cultura?”

#### AGRADECIMENTOS

a ti mamã

#### BIBLIOGRAFIA

Livros:

Shelling, Frederich Von, *Obras escolhidas*, Nova Cultural 1991

Internet:

[www.danielee.com](http://www.danielee.com)

[www.riverbed.com](http://www.riverbed.com)

UA/SD	
N.º	7085/CA
Data	17/9/2003
Cota	7H